

A POESIA COMBATENDO ESTEREÓTIPOS: uma análise de “Mulata Exportação” de Elisa Lucinda

Patricia Maria dos Santos Santana¹
Pg - UNIGRANRIO

RESUMO: O presente trabalho procura fazer uma análise do poema “Mulata Exportação”, de Elisa Lucinda, aludindo à posição que a mulher negra ocupa no imaginário social do povo brasileiro. Através da sua própria condição de mulher negra na sociedade brasileira contemporânea, Lucinda parece abordar as inquietudes que lhe assombram, traçando um parâmetro entre a fala do eu-lírico e a fala do homem branco dominador neste que é considerado um de seus mais engajados poemas.

Palavras-chave: Mulher. Negritude. Poesia.

Poetry against stereotypes: an analysis of Elisa Lucinda’s “Mulata Exportação”

Abstract: This paper aims at analyzing the poem “Mulata Exportação”, by Elisa Lucinda, alluding to the social position that black women occupy in the Brazilian folk imaginary. Through her own condition of black woman in the contemporary Brazilian society, Lucinda seems to utter the concerns that haunt her life, mapping a parameter between the speech of the poetic self and the speech of the white man’s domineering in this poem which is considered one of her most engaged poems.

Key Words: Woman. Blackness. Poetry.

Considerações iniciais:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de

¹ Mestranda em Letras e Ciências Humanas (UNIGRANRIO).

*comprometer-se a resgatar sua história e
recriar-se em suas potencialidades.*

Neuza Santos Souza, *Tornar-se Negro*

A poeta e atriz brasileira Elisa Lucinda nasceu em dois de fevereiro de 1958 na cidade de Vitória, no Espírito Santo. Formou-se em jornalismo e decidiu viver no Rio de Janeiro, em 1986, para seguir a carreira de atriz. Aqui nos interessa a Elisa Lucinda poeta. Seu primeiro livro de poesias foi *O Semelhante*, lançado em 1995. Desde então, não mais parou. Arriscou-se também no universo da literatura infantil com suas obras *O Órfão Famoso*, *O Menino Inesperado*, *A Menina Transparente* e *Lili, a Rainha das Escolhas*. A temática cotidiana de sua poesia é o que torna demasiadamente atraente o seu trabalho, nos apresentando a alegria e a dificuldade de ser mulher negra na sociedade contemporânea que apresenta um racismo velado. O poema “Mulata Exportação”, publicado em seu primeiro livro de poesias, retrata a questão de submissão relacionada à etnia e ao gênero, incrustado no seio da sociedade brasileira desde os tempos da colonização. Os resquícios dessa dominação em relação à posição da mulher e a sua origem negra no mencionado poema compõem o objetivo da presente análise.

O Corpo do Texto:

Primeiramente, faremos menção ao nome do poema: “Mulata Exportação”. A classificação “mulata” seria, de acordo com o que é descrito ao longo do texto, o termo mais apropriado; todavia, a primeira voz apresentada no poema polifônico não se refere a sua interlocutora como “mulata”, e a chama de “nega” a todo o momento, se desfazendo de classificações biológicas usadas para referenciar o cruzamento de etnias. Clarifica-se, pois, um ponto de observação que exalta a posição do dominador que se julga superior. Indiferente ao negro, ele não vê diferença alguma entre os seus dominados, classificando todos de uma mesma maneira. O poema polifônico inicia-se subentendendo a voz do colonizador ao mencionar:

Mas que nega linda
E de olho verde ainda

Olho de veneno e açúcar!

Vem nega, vem ser minha desculpa
 Vem que aqui dentro ainda te cabe
 Vem ser meu álibi, minha bela conduta
 Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!

Na fala do dominador fica claro o tratamento pejorativo dado à mulher de origem negra, tratada aqui como um ser sem valor, como alguém muito menor, que serve apenas para satisfazer as vontades sexuais da figura masculina branca dominante. A mulher negra se apresenta de forma erotizada, ou seja, estereotipada. Possuí-la vem servir de desculpa às fantasias criadas pela primeira voz do poema que afirma que dentro dele ainda tem um espaço para ela, talvez por já possuir alguém e se tratar de um homem branco casado (provavelmente, com uma mulher branca). Nogueira (1998) mostra, em seu estudo sobre o corpo da mulher negra, como a opressão colonial não possibilitou o exercício da feminilidade da mulher negra brasileira, cabendo ao branco criar uma identidade sexual para ela em nossa sociedade, totalmente imbuída de discriminação e preconceito perante fatos históricos:

Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores. Nesta condição eram desejadas, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas, pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente. Não podiam, pela condição de mercadoria, se vincular afetivamente, apenas funcionavam como máquinas reprodutoras. Seus filhos não lhes pertenciam, quase sempre eram vendidos, o que era determinado pelo interesse do senhor. Tinham como possibilidade de exercer sua “função materna”, quase sempre enquanto amas de leite do filho do senhor. Isto é, a mulher negra é historicamente desinvestida de qualquer possibilidade que a permitisse exercer sua feminilidade.¹

Michelle Perrot (2005) mostra que a mulher europeia do passado, independente de sua classe social, sempre teve seu corpo subjugado, mas, contudo, ressalta a diferença entre a mulher livre e a mulher serva. Ao observamos tais condições, vemos que estas muito se assemelham às condições das mulheres do Brasil da mesma época:

O corpo das mulheres não lhes pertence. Na família, ele pertence a seu marido que deve “possuí-lo” com sua potência viril. Mais tarde, a seus

filhos, que a absorvem inteiramente. Na sociedade, ele pertence ao senhor. As mulheres escravas eram penetráveis ao seu bel-prazer. (...) O senhor tem direito sobre a virgindade das servas. (PERROT, 2005, p.447)

Em nosso país, desde a época da colonização, a mulher branca era considerada valiosa e digna de casamento enquanto a mulher negra (ou mulata) era desconsiderada nesses termos. O estudioso Luciano Figueiredo (2009) cita que no Brasil, por volta de 1723, o então governador das Minas Gerais, dom Lourenço Almeida, chegou a decretar que as mulheres brancas do Brasil não fossem para Portugal devido ao escasso número dessas mulheres por aqui na época; caso isto ocorresse, haveria um desequilíbrio entre o número de homens e mulheres de etnia branca no Brasil-colônia que faria com que os homens locais procurassem as mulheres negras ou mulatas para relações íntimas (que poderiam ser legítimas ou não). Tais relações não eram aprovadas por Dom Lourenço:

(...) a miscigenação poderia acabar comprometendo a continuidade da comunhão de interesses na relação colônia-metrópole. Chega a ser desnecessário lembrar que para a ideologia colonialista os mestiços, em geral libertos, representam uma população indisciplinada e inquieta socialmente, desclassificados e desligados do sistema escravista-exportador. Toda ação estava orientada por um caráter nitidamente racial: tratava-se da preservação da pureza de classe dos “homens bons”, o que, em última instância, reforçava a elite em âmbito local. (FIGUEIREDO, 2009, p.170)

O preconceito racial entre negros e brancos teve origem no escravismo e foi mantido nas relações posteriores ao mesmo, recebendo novas formas. Mesmo com as mudanças nas relações de trabalho e nas formas de opressão, podemos observar que os negros continuam a ser rotulados no imaginário social brasileiro como “seres inferiores”. Retornando à análise do poema, a mistura de etnias que proporcionou os olhos verdes da mulata é comentada indiretamente no começo do mesmo. Já no início, a figura dessa mulher é exaltada em dois momentos paradoxais que determinam as suas origens: um por demonstrar os traços físicos da etnia branca dominante e outro, por mostrar em suas curvas de “pão de açúcar” a forma volumosa dos glúteos que o imaginário social relaciona especificamente à mulher negra. Lembrando o conceito

definido por Deifelt (2004, p.28) que diz que “*A arte não é somente uma representação da vida do artista, mas uma codificação simbólica de sua própria existência*”, poderíamos, inclusive, afirmar que a mulata a quem a primeira voz do poema se refere seria a própria poeta Elisa Lucinda, devido as suas atribuições físicas muito similares ao que é descrito. O poema segue com uma promessa à estonteante mulata:

(Monto casa procê, mas ninguém pode saber,
entendeu meu dendê?)
Minha tonteira, minha história contundida,
Minha memória confundida, meu futebol,
entendeu meu gelol?

A ideia de amor clandestino e não oficial repete-se com o passar dos séculos, exatamente vinda do fato de mulheres negras e mulatas servirem de meras escravas sexuais dos senhores brancos. Torna-se necessário abordar aqui o conceito de memória e a sua relação íntima com a história de nossa terra. De acordo com Stuart Hall (2000, p.109), as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma determinada correspondência, mesmo sem intenção. Essas identidades se relacionam com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo em que nos tornamos. A memória histórica constitui um fator de identificação humana e é o sinal de sua cultura. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. A identidade cultural define, por sua vez, o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros. No caso do poema analisado, o resgate da figura identitária da mulher escrava servindo ao senhor na época de escravidão fica evidente nesta parte do poema onde repousa a “história contundida” e a “memória confundida” do dominador numa relação sórdida que abriu precedentes para se repetir nos dias de hoje, sem pudor e sem preconceito. Por ser também uma vítima do abuso sexual histórico que perseguiu a negra escrava, é como se no imaginário coletivo a mulata sempre estivesse pronta para repetir a dose de subserviência e prazer que a escrava negra ofereceu anteriormente. Apenas mostrando a sua real condição é que a mulher mulata poderá revelar a sua indignação e revolta.

Elisa Lucinda resgata o que é importante e que não pode ser esquecido, servindo como uma espécie de memória viva de seu grupo, para construir o seu poema-protesto. A literatura é uma forma de reagirmos à insatisfação. Ela nos permite fazer com que outras pessoas percebam fatos que já notamos, mas que talvez não estejam muito claros a todos.

Compreender a história também é ver a mesma pela ótica dos vencidos, pela ótica daqueles que não tiveram a oportunidade de escrevê-la oficialmente. Com base nisso é que Walter Benjamin (1994) prioriza o conceito de rememoração que significa uma ação de transformação ativa do presente pelo passado. Benjamin acredita que situar o passado historicamente não significa conhecer como esse passado realmente foi. O autor afirma a existência de um forte conformismo social de se entregar às classes dominantes e acrescenta que o historiador tradicional estabelece uma relação de empatia com os vencedores. A história dos vencedores sempre celebrará uma vitória advinda da dominação dos mais fracos e muitos documentos da cultura (documentos, livros, relatos históricos, etc) não passam de meros monumentos da barbárie:

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um documento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera a sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1994, p. 225)

Assim, Benjamin afirma que compreender a história é justamente essa árdua missão “de escovar a história a contrapelo”, ou seja, é a tarefa de dar voz aos que não tiveram voz diante da história de um local, ouvindo os diversos preenchimentos, as diversas vozes das centenas de lacunas dessa mesma história. Dentro do poder da história tradicional é que se mostra o jogo do enredo do poema e Lucinda escolhe mostrar esse pensamento tradicional para depois desconstruir tudo com seus pontos negativos.

Através do imaginário social o primeiro enunciador do poema também exalta o gingado pertinente ao negro, como se ao negro coubesse a malemolência, o rebolado, o jogo de cintura, em uma espécie de agilidade matreira e perniciososa que o branco não possui:

Rebola bem meu bem-querer;
 Sou seu improviso, seu karaokê;
 Vem nega, sem eu ter que fazer nada...
 Vem sem ter que me mexer

Nos versos acima, existe também uma alusão ao próprio ato sexual em si. O verbo “rebolar” insinua isso com clareza. Também se torna explícita nos citados versos uma atitude de total servidão da mulata em relação ao homem branco. Uma visão que pode ser entendida do ponto de vista do microcosmo da relação sexual, abrindo-se para o entendimento do macrocosmo social da relação de obediência da etnia negra à raça branca dominante ao longo dos séculos no Brasil.

A mulata tem seu perfil social baseado na mistura de suas antepassadas e dos desejos liberados para todas elas. Valorizando um corte temporal em nossa análise, citamos a observação feita por Mariza Corrêa sobre a interpretação da figura da mulata no imaginário brasileiro, da época de Gregório de Matos aos dias atuais:

Seria preciso o talento de Lévi-Strauss para fazer o inventário da rica coleção de ervas e especiarias utilizadas nas metáforas dos cheiros, gostos e cores evocados nas frases nas quais a mulata é sujeito. (...) Além de cheirosa e gostosa, a mulata é muitas outras coisas nesses e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual; em suma, *desejável*. De Gregório de Matos a Guimarães Rosa, na prosa e na poesia, no universo do carnaval (ou do samba), através do rádio, do teatro rebolado e da televisão, a mulata, assim construída como um objeto de desejo, tornou-se um símbolo nacional. Em sua última encarnação, na vinheta globeleza, na qual a tecnologia utilizada para representá-la é pelo menos tão importante como sua corporificação de todos aqueles atributos mais antigos, temos uma espécie de mulata estilizada, abstrata, ou imaginária, que resume ou sintetiza todas as suas antepassadas. (CORRÊA, 2009, p.241)

Diante das palavras de Mariza Corrêa, podemos observar que o termo “mulata” possui uma representação social muito forte e estigmatizada, capaz de resumir em um simples léxico toda representação do íntimo pensamento popular.

Nos dois próximos versos do texto analisado, a voz masculina do poema relembra a posição subalterna da escrava que, presa à sua condição inferiorizada da

escala social, tem em sua realidade não apenas a dor do trabalho pesado, mas também a dor de viver em comunidades que se criam à margem da sociedade como as favelas, por exemplo. Aponta que depois da senzala, restou-lhe a favela para viver:

Em mim tu esqueces tarefas,
favelas, senzalas, nada mais vai doer.

A próxima estrofe narra toda a fogueira da mulher dita “de cor”. O enunciador pede para que ela venha colorir o seu “eu” durante o ato de amor, como uma capacidade própria das mulheres dessa etnia. Ao colorir o enunciador, este se tornaria fogueiro como a mulata. E para essa mulata capaz de arrasá-lo com tanto furor, ele a levaria para se esbaldar nas suas origens, ou seja, no seu samba como forma de agrado, de esmola, de propina sexual. Outra questão importante está na crítica implícita feita nesse momento do texto pelo eu-lírico de Elisa Lucinda. Ainda na voz do branco dominador, é como se a poeta denunciasse que o negro só é relevante para o branco ao servir de análise de estudo para as suas teses e dissertações nas variadas pesquisas culturais feitas hoje. Fora disso, o negro continua sendo tratado sem visibilidade ou expressão, como sempre foi:

Sinto cheiro docê, meu maculelê,
vem negra, me ama, me colore
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.

Uma segunda voz se faz presente na parte do poema que vem a seguir. Agora é a voz de uma mulher mulata que se junta ao texto de forma arrebatadora e combativa, proferindo um verdadeiro desabafo do discurso da negritude feminina brasileira.

Imagem:
Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.

Os versos acima sinalizam que a mulher negra vivenciou toda a opressão social de forma impaciente, porém, contraditoriamente, sem somatizar nenhuma amargura em seu coração. Ressaltamos aqui que diversos estudiosos sobre o assunto acusam um comportamento passivo do negro ao longo dos anos que foi escravizado. O poema pode estar fazendo alusão a isso nas palavras “sem dor”, como uma espécie de ironia. Os castigos dados aos negros faziam parte de uma pedagogia cruelíssima que procurava subjugar de forma física e mental os escravos. A antropóloga Ana Lúcia Valente menciona que:

Os açoites, os grilhões, a violência sexual e a atribuição de qualidades negativas aos negros faziam parte de um conjunto de instrumentos e técnicas de tortura e castigo para domar e subjugar os escravos. E, mais do que a subjugação física, o castigo era importante para fazer o escravo introjetar uma idéia negativa de si mesmo (...). (VALENTE, 1994, p. 25)

O poema prossegue dando voz à mulata indignada:

Já preso esse ex-feitor, eu disse:
 “Seu delegado...”
 E o delegado piscou
 Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
 com cela especial por ser esse branco intelectual...

A voz feminina do poema alude ao momento histórico vivido no Brasil e classifica a voz masculina, que se mostra cheia de abuso sexual, autoritarismo e racismo, como “ex-feitor”. Em contraponto, uma menção à sociedade moderna é feita nesse mesmo momento do texto ao crime de assédio sexual, que mostra que por conta de sua investida sobre a mulata, o homem foi levado à justiça, ficando aos cuidados de autoridades como o delegado e o juiz.

O assédio sexual é classificado como uma coação voltada para a prática sexual que é geralmente feita por uma pessoa em posição hierárquica superior em relação a alguém em situação de desigualdade. A lei de número 10.224, de 15 de maio de 2001, define esse tipo de assédio como “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual”. Muitas vezes, as maiores vítimas desse assédio são as

mulheres. No caso do poema em análise, temos o agravante que recai não apenas sobre a mulher, mas também ao ato de desvalorização da etnia negra carregada por séculos em nosso país.

Em “Mulata Exportação”, a reivindicação da mulher negra é menosprezada ao se deparar com o pouco caso daqueles que poderiam fazer justiça em seu lugar. Em forma de espelho, ou seja, em forma de reflexo social da sociedade contemporânea, o delegado “pisca” e o juiz “se insinua” para a mulata, repetindo no recorte do momento do poema toda a estrutura social denunciada por Elisa Lucinda em seu texto. O desdém ao caso, talvez considerado pequeno demais para ser levado em conta, se concretiza quando o juiz, na condição de homem branco, decreta uma pena leve ao molestador que por ter concluído o terceiro grau, possui direito a cumprir a pena em cela especial. Como benefício ao réu, nota-se outra fonte de favorecimento à classe dominante, uma vez que só conseguem terminar uma graduação universitária aqueles que tiveram a chance de estudar, ao contrário dos pobres (lê-se aqui, indiretamente, os negros) que em diversos casos precisam deixar de estudar para se tornarem arrimos de suas famílias.

A ideia de inferioridade em relação à mulher vem desde a antiguidade, tendo-se em relevância o pré-estabelecimento de uma superioridade masculina. À mulher cabia o mero tratamento de ser julgada como um ser que apenas servia para satisfazer as necessidades masculinas e cumprir a função da reprodução humana. Com o Renascimento, a condição feminina não se tornou muito diferente e para esta intensificou-se o rótulo de ser limitado fisicamente, sobrando para si apenas o papel de zeladora do lar e das atividades domésticas. Somente com a Revolução Industrial, a mulher assume uma função mais significativa no mercado de trabalho. Através da máquina, a mulher conseguia um desempenho tão eficaz quanto o desempenho do homem. Houve, então, uma valorização da mulher por ser uma mão-de-obra mais barata.

Com o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, aumentaram também os casos de denúncia de assédio sexual dentro do universo trabalhista. No século XIX, surgem as primeiras manifestações do feminismo no Brasil visando o combate à ordem conservadora que excluía a mulher da vida social plena (como o direito ao voto ou de obter os mesmos direitos que os homens possuíam).

No que diz respeito à mulher negra, a situação é duplamente pior devido aos fatores não só de gênero, mas também de etnia. Essa situação cria uma forte tentativa de inferioridade na identidade cultural dessas mulheres, inibindo muitas vezes a reação

delas para lutar contra toda a discriminação sofrida. A historiadora Sônia Maria Giacomini (1988) vai mais além questionando:

Como não pensar na negra assalariada, enquanto empregada doméstica, quando se discute que ao escravo era negada a possibilidade de uma vida privada? Como não pensar na babá negra de hoje, que cuida dos filhos da mulher branca burguesa ou pequeno-burguesa enquanto os seus próprios filhos ou não existem ou percorrem soltos morros e ruas de nossas cidades? A escravidão acabou, mas a presença de suas heranças no bojo das relações burguesas e capitalistas que têm as classes dominantes, de todos os períodos históricos, de incorporar, até onde for possível aos privilégios que lhes são próprios os privilégios de grupos dominantes anteriores. (GIACOMINI, 1988, p. 89)

O poema continua com a voz feminina metralhando com palavras a hipocrisia manipuladora do homem de etnia branca, em um verdadeiro manifesto contra tal violência:

Eu disse:
 “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
 nada disso se cura trepando com uma escura!”

Ó minha máxima lei, deixai de asneira
 Não vai ser um branco mal resolvido
 Que vai libertar uma negra:

Esse branco ardido está fadado
 porque não é com lábia de pseudo-oprimido
 que vai aliviar seu passado.

Nesses versos, a autora insinua uma falsa Síndrome do Pai Ausente demonstrada pelo molestatador da mulata, que em sua atitude de conquista, finge negar as regras ditatoriais da sociedade, procurando, assim, a sua libertação moral através de uma pseudo-redenção perante sua vítima histórica. Se para Freud e Jung, a figura paterna determina a instauração do princípio do real na humanidade baseada em questões patriarcais de dominação, ao posicionar-se contra essa relação determinante social, a atitude do conquistador do poema procura justificar a Síndrome do Pai Ausente onde o

legado de dominação cultural deixado por nossa civilização parece ser esquecido e posto de lado. Contudo, a dita redenção proposta pelo molestar está na atitude de conquista da mulata, como se dessa forma o dominador pudesse dar à dominada o “privilégio” de lhe possuir. Nessa atitude isolada e irônica, ele representaria todo um macro universo de opressão e genocídio tentando, com tal ato, a atitude dupla de se autolibertar da posição de carrasco e de, por vez, libertar a etnia negra de toda tirania sofrida.

Apesar do exposto, a voz feminina aponta esses fatores como insuficientes para libertar o negro da opressão. Também denuncia que por mais que se tente provar o contrário, toda a fala da primeira voz do poema não passa de fingimento, rotulando-o como um “pseudo-oprimido” da história, ou seja, um grande mentiroso.

Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
E tu te lembrás da Casa-Grande
E vamos juntos escrever sinceramente outra história

A voz feminina agora se volta para a primeira voz do poema e diz que toda aquela retórica fatalmente repete uma condição pressuposta desde a época da colonização, condição esta que faz cada um lembrar o seu lugar definido por essa cruel história de dominação. Como solução para esse dilema, a mulata propõe a reescritura de uma nova condição entre dominador/dominado na sociedade brasileira.

Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
Porque não é dançando samba
Que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!

A mulata expressa nos versos acima que uma atitude de aceitação social do outro não está apenas no ato de fazer o que é pertinente à cultura daquele grupo, como dançar o samba, por exemplo. A questão da aceitação vai muito além de uma atitude superficial de valorização de uma cultura. Na ironia da ação de dançar o samba como forma de

aquietar todas as agruras da relação dominador/dominado, a voz feminina do poema mostra que contra o racismo não há perdão. A mulata além de não acreditar no arrependimento do homem branco, ainda pede para que ele se afaste de vez. Com isso, conclui proferindo:

Meu nojo!
Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
Não é comer uma mulata!

O final é enfático e sintetiza a idéia central do poema: a intenção de não se mostrar racista não se faz através da posse sexual do corpo da mulher negra nos dias de hoje para se apresentar na sociedade como alguém verdadeiramente livre de preconceitos radicais relacionados à cor negra. Com um tratamento dedicado e zeloso, Lucinda tece em seu poema a resposta do dominado ao dominador de maneira objetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema político é, portanto, aquele que inventa silenciosamente formas de dominação e investe sobre os corpos aparelhos de micropoder. Contudo, a questão política também pode oferecer oportunidades para novas possibilidades de vida. Não há relação de poder entre sujeitos livres. Repensar os indivíduos socialmente abre uma enorme porta de considerações no campo do trabalho, da produtividade, da criatividade, da autonomia.

A poesia feminina em nosso país apresenta-se bastante engajada com as causas que lhe tocam e as bandeiras da negritude se tornaram importantes para poetas preocupadas em estabelecer uma conexão entre o poético e a sociedade contemporânea. Baseada na própria existência e experiência de vida, ou melhor, na sua condição pessoal de mulher negra brasileira, Elisa Lucinda é uma dessas poetas otimistas que acreditam que a literatura pode e deve mudar o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAVALCANTE, Raíssa. *O mundo do Pai: Mitos, Símbolos e Arquétipos*. SP: Cultrix, 1996.

CORRÊA, Marisa. Sobre a invenção da mulata. In: MELO, Hildete Pereira de *et ali* (org.). *Olhares Feministas*. Brasília: UNESCO, 2009.

DEIFELT, Wanda. O corpo em dor. In: *À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2004.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (org.) *História das Mulheres no Brasil*. SP: Contexto, 2009.

GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e Escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUCINDA, Elisa. *O Semelhante*. RJ: Record, 2002.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. SP: EDUSC, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*. RJ: Graal, 1983.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. *Ser negro no Brasil hoje*. SP: Moderna, 1994.

NOTAS

1 NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra [on-line]. Site Antroposmoderno. Disponível em <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/IsildinhaNogueira.htm>. Acesso em 05 de junho de 2010, às 20h.